

**O ROMANCE HISTÓRICO, DE WALDIR PINTO DE
CARVALHO, COMO ARQUIVO MEMORIALÍSTICO DA
CIDADE DE CAMPOS DOS GOYTACAZES:
O CASO De “A RODA DOS EXPOSTOS”**

Victor da Penha Miranda (UENF)

victorpmiranda@hotmail.com

Analice de Oliveira Martins (UENF)

analice.martins@terra.com.br

RESUMO

Esta pesquisa, ancorada nos estudos do passado, da memória coletiva e da cidade de Campos dos Goytacazes-RJ, utiliza como *corpus* o romance intitulado “A roda dos expostos” (1994), do escritor memorialista Waldir Pinto de Carvalho, que dialoga, por meio da ficção, com questões sociais do abandono de crianças e, conseqüentemente, a exclusão social operante nos anos oitocentistas no Brasil, simbolizado pelas rodas dos expostos ou dos enjeitados; mecanismo cilíndrico no qual crianças e, em alguns casos, escravizados, eram abandonados aos cuidados das Santas Casas de Misericórdia, edificadas pela Irmandade Nossa Senhora Mãe dos Homens, distribuídas em todo o país, com uma unidade em Campos dos Goytacazes. A metodologia adotada na elaboração deste artigo é de caráter qualitativo e exploratório, sustentada nas análises teóricas de Barthes (2004), Halbwachs (2003) e Lamego (1951). Assim sendo, a pesquisa destaca a literatura como um possível mecanismo de representação social do passado para a efetiva compreensão da estrutura contemporânea da sociedade.

Palavras-chave:

Romance histórico. Campos dos Goytacazes. “A roda dos expostos”.

ABSTRACT

This research, anchored in studies of the past, collective memory and the city of Campos dos Goytacazes-RJ, uses as *corpus* the novel entitled “A roda dos expostos” (1994), by the memoirist writer Waldir Pinto de Carvalho, who dialogues, by means of fiction, with social issues of the abandonment of children and, consequently, the social exclusion operating in the nineteenth century in Brazil, symbolized by the wheels of the exposed or found; cylindrical mechanism in which children and, in some cases, enslaved, were abandoned to the care of the Santas Casas de Misericórdia, built by the Sisterhood of Our Lady Mother of Men, distributed throughout the country, with a unit in Campos dos Goytacazes. The methodology adopted in the preparation of this article is qualitative and exploratory, based on theoretical analyzes by Barthes (2004), Halbwachs (2003) and Lamego (1951). Therefore, the research highlights literature as a possible mechanism for social representation of the past for an effective understanding of the contemporary structure of society.

Keywords:

Historical novel. Campos dos Goytacazes. “A roda dos expostos”.

1. Introdução

A literatura, a memória social e o discurso histórico, entrecruzados pela ação da linguagem, são mecanismos de recriação e rememoração do passado e dos pilares das manifestações temporais dos sujeitos, das nações e das instituições culturais, como as guerras, as colonizações e os processos de escravização que marcaram as sociedades em todo o mundo.

Em “A roda dos expostos”, romance de extração histórica produzido pelo memorialista campista Waldir Pinto de Carvalho, é narrado, pelo prisma ficcional, fatos historiográficos do abandono de crianças na cidade de Campos dos Goytacazes no período oitocentista brasileiro, por meio do sistema de rodas instaladas nos muros ou janelas das Santas Casas de Misericórdias, distribuídas em várias regiões do país que, conforme Maria Luiza Marcílio (2009), “foi uma das instituições brasileiras de mais longa vida, sobrevivendo aos três grandes regimes de nossa História” (p. 51), desde o Brasil Colônia à sua extinção na década de 1950.

Ao contrário dos livros de História, sustentados exclusivamente pelos discursos considerados oficiais, e a epopeia, que mesmo sendo um gênero ficcional é amparada na descrição dos feitos heroicos dos povos, o romance histórico permite que o leitor acesse informações do cotidiano passado das sociedades como, por exemplo, o comportamento dos sujeitos e as suas manifestações religiosas, estabelecendo conexões das manifestações sociais ocorridas e a sua vinculação com o tempo presente.

Mesmo que amparado em vestígios do passado, o memorialista, ao desenvolver a escrita do romance e o seu diálogo com a história da cidade, pautado no que Maurice Halbwachs (2003) denomina de “memória tomada por empréstimo” no contexto da memória coletiva – de caráter social –, ressignifica os acontecidos registros jornalísticos e dados historiográficos, como as informações do historiador Alberto Lamego (1951), propondo, no tecido ficcional, uma versão diversificada do já ocorrido e desenvolvendo, no leitor, a percepção histórica de Campos dos Goytacazes e a sua relação direta com o desenvolvimento do país.

2. A roda dos expostos em Campos: considerações históricas

O sistema da roda dos expostos ou dos enjeitados, criado no Brasil no período colonial e sobrevivente até a década de 1950, era configu-

rado por um mecanismo cilíndrico instalado nos muros ou nas janelas das Santas Casas de Misericórdia, distribuídas em todo o Brasil, mantidas aos cuidados da Irmandade Nossa Senhora Mãe dos Homens.

As rodas foram originadas na Idade Média e na Itália. De acordo com Marcilio (2009), o sistema surgiu “particularmente com a aparição das confrarias de caridade, no século XII, que se constituíram num espírito de sociedades de socorros mútuos, para a realização das Obras de Misericórdia” (p. 54).

A primeira roda dos expostos em território brasileiro foi instalada na cidade de Salvador, na Bahia, ano de 1726, sustentada pela Santa Casa de Misericórdia da região, considerando, exclusivamente, o recebimento de bebês do sexo feminino.

A instalação do sistema em Campos marca a segunda pertencente à Província do Rio de Janeiro, entrelaçada à instituição religiosa da cidade que, de acordo com Alberto Lamego (1951), “começou a sua existência legal, depois que a Irmandade teve o seu compromisso aprovado pela rainha D. Maria I, sendo a provisão da sua confirmação expedida pelo Conselho Ultramarino em 5 de julho de 1791” (p. 13), porém, mesmo antes do registro geral, como destaca o historiador, a Irmandade em Campos já atuava desde 1786.

Marcilio (2009) destaca que, em Campos, o número de expostos foi grande. Dessa forma, destaca a pesquisadora que, em 1870 havia 271 crianças abandonadas na região, entregues à roda. Sobre o significativo percentual, há o registro do já extinto jornal O Recopilador Campista, datado de 19 de agosto de 1837, vol. III, que destacava a missão da Irmandade campista que, além dos expostos, auxiliava escravos feridos e abandonados, assim como cuidava dos curativos dos “presos pobres” do sistema prisioneiro da cidade:

Duzentos a duzentos e quarenta são regularmente os expostos, que alimenta, veste, e trata. Com esta infortunada e interessante porção da humanidade não pode deixar a Santa Casa de despende, com a maior economia, e fornecendo-lhe o restrictamente necessario, a quantia de 4:000\$000, não incluídos os medicamentos e curativos em suas molestias, e o anno findo teve a gloria de ver apresentarem-se em seu sejo na festa de St^a Izabel 195 crianças, que vingarão, menos mal vestidas e tratadas. [sic] (O Recopilador Campista, de 19 de agosto de 1837, vol. II)

Cumprindo a caridade, a roda da sociedade campista não acolhia apenas enjeitadas, do sexo feminino, mas também os meninos. Lamego descreve que no ano de 1830, aos 15 dias do mês de agosto, “ficou resol-

vido em Mesa, que os expostos que atingissem oito anos e as expostas 12, não tivessem mais direito à quantia alguma, a título de alimentação e vestuário” (p. 28).

A quantia diz respeito ao auxílio fornecido pela Irmandade junto à Câmara para que senhoras da cidade pudessem receber contribuições financeiras para a criação dos órfãos.

É importante destacar que a Câmara da região mantinha, junto à Santa Casa, o compromisso social de auxiliar financeiramente os custos com a criação das crianças na ausência, à época, de políticas públicas que cuidassem dos direitos da criança e da infância.

As engeitadas continuavam a ser entregues a diversas senhoras, que se encarregavam da sua criação mediante um pequeno pagamento mensal. Uma delas, tendo aos seus cuidados a órfã Balbina e que recebia apenas 1\$280 rs., pediu aumento do salário, porque era pobre e o que recebia não chegava para o sustento da menina. Passou a receber, por mês, 2\$500 mês.

Na mesma ocasião, o Provedor em Mesa, alegando que a quantia de 200\$000 rs., que recebia da Câmara, para sustento das expostas, não era suficiente, pois as despesas com elas excediam a mais de 1:000\$000 rs., para esse fim, se encarregou o irmão José Joaquim Pereira de Figueiredo” (LAMEGO, 1951, p. 24)

O sistema da roda dos expostos, em Campos, permaneceu até o início do século XX; período da história da assistência à criança em que surgiram outras instituições de apoio aos abandonados, entre elas, em 1885, a Casa dos Educandos Artífices, no Maranhão e o Instituto dos Menores Artesãos, 1861, no Rio de Janeiro.

3. *Waldir memorialista: o passado e o abandono infantil na Campos oitocentista*

Em *A roda dos expostos* (1994), romance produzido pelo memorialista Waldir Pinto de Carvalho, é narrado, pelo viés da ficção, a história de Carolina e Alexandre; dois jovens da cidade de Campos dos Goytacazes de classes sociais opostas que se apaixonam e vivem um relacionamento rejeitado pela família da moça no século XIX.

É possível enumerar no romance a descrição de aspectos da cidade no período imperial do país, evidenciando tais características à época como as manifestações religiosas, o regime escravista, a produção açuca-

reira e as relações de poder do patriarcado, descritas, sobretudo, na configuração da família de Carolina.

Corre o ano de 1843... A praça, que hoje se chama São Salvador, é reconhecida pelo nome de “Praça Principal”. Essa área fronteira à antiga Matriz está coberta de relva fina sobre a qual pisaram, em outros tempos, os belos e fogosos corcéis das movimentadas Cavalhadas trazidas da Europa pelos portugueses. É toda arborizada, ladeada por filas de palmeiras, tendo no centro um formoso jardim todo cerrado por altos gradis. Às suas entradas, pesados portões trabalhados sob o capricho dos melhores artesãos, que são fechados assim que o célebre sino da Cadeia anuncia o “toque de recolher”. (CARVALHO, 1994, p. 18)

A personagem Carolina era filha de D. Amélia e do Comendador Guilherme, representantes do poder das influentes famílias campistas do período oitocentista brasileiro. Alexandre, por sua vez, desprovido de condições financeiras, era filho de Inácia e Onório, residentes da região rural, como descreve o escritor, “mais ou menos das Covas D’Areia” (CARVALHO, 1994, p. 29).

Devido às limitações sociais/financeiras que afastavam os personagens, os dois foram submetidos a encontros escondidos durante as noites às margens do Rio Paraíba, amparados pela proteção de Jacinta, personagem escravizada de posse da família da moça.

Do envolvimento afetivo nasceu uma bebê que, em consequência do caráter patriarcal, foi depositada sob sigilo e sem o reconhecimento dos pais por Jacinta na roda da Santa Casa de Misericórdia, na região atual da Praça de São Salvador, em Campos, como ordem do Comendador, pai de Carolina.

Caminha quase correndo e a se vigiar, Jacinta, à procura da roleta presa a uma das janelas da Santa Casa de Misericórdia. Certo de não haver testemunhas, a negra, coloca a inocente na “Roda” e a faz se movimentar como fora instruída. Em virtude da roleta ser acionada, uma campinha soa no interior do prédio. Despertadas mais uma vez com a chegada do “presente”, as moças da Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens, vêm logo recolher a criança anônima.

Nesse espaço de tempo, o Comendador, isolando-se em sua sala de visitas, andando de um lado para outro, vai rememorando os fatos que envolveram Carolina, prenunciando a decadência da família, abalando o seu conceito social entre umas poucas da antiga cidade de Campos: “Custume acreditar na realidade! A desonra batendo à nossa porta! Ah! Mas eu fiz o que faria qualquer pai de família, qualquer homem de brio!”. (CARVALHO, 1994, p. 110)

Sobre a perspectiva da honra da família estruturada pelo prisma do patriarca do brasileiro oitocentista, destaca Marcilio (2009) que o sistema da roda era comumente utilizado como mecanismo para invisibilizar e silenciar a presença de crianças indesejadas fora do matrimônio, assim como meio de evitar o aborto e o infanticídio, considerados pecados gravíssimos pelo prisma religioso operante.

A roda foi instituída para garantir o anonimato do expositor, evitando-se, na ausência daquela instituição e na crença de todas as épocas, o mal maior, que seria o aborto e o infanticídio. Além disso, a roda poderia servir para defender a honra das famílias cujas filhas teriam engravidado fora do casamento. Alguns autores atuais estão convencidos de que a roda serviu também de subterfúgio para se regular o tamanho das famílias, dado que na época não havia métodos eficazes de controle da natalidade. (MARCILIO, 2009, p. 72)

Após o abandono da criança, Carolina é mantida refém do pai até que, após um período, o casal consegue fugir da cidade, destinados a viverem na região da Bahia, sob a descrição de uma nova identidade – nomes fictícios -criada para manter a segurança dos dois.

A exposta, batizada de Isabel (em referência à santa reconhecida como padroeira dos órfãos), ao contrário dos pais que migram para a Bahia, permanece em Campos aos cuidados da Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens, entregue à supervisão de Maria dos Anjos, zeladora e enfermeira da instituição.

Aos quatro anos de idade, a enjeitada é levada por Maria dos Anjos em situação de fuga pela região Nordeste do país. Em passagem pelo litoral baiano, onde residia os pais biológicos da menina, a tutora a abandona aos cuidados de sua família originária que, mesmo sem consciência de tal fato, manteve os cuidados em relação à criança abandonada por sua cuidadora.

A revelação sobre a paternidade de Isabel é revelada, após anos de convivência com seus pais biológicos na região da Bahia, no regresso a Campos. A data, no calendário religioso, marcava o dia de Santa Isabel, dia 2 de julho. Festividade em que, com 21 anos, as expostas eram apresentadas à população, disponíveis à vida adulta e ao matrimônio, conforme o enredo do romance.

De repente, os sinos fazem ecoar notas festivas. Ao mesmo tempo, a Lira Nossa Senhora da Conceição dá início à execução de um dobrado. Foguetes espocam no ar. Uma forte sensação toma conta de todos. A seguir, escoltadas pela Irmandade, as belas jovens, decentemente vestidas, ocupam, de uma só vez, todas as sacadas. Dali, saltariam para o futuro. À frente da

massa humana, estão filhos de famílias ou rapazes do povo, observando face por face, tentando descobrir, cada qual, aquela que poderá vir a ser sua companheira para o resto da vida. Por outro lado, ali se encontram, também, homens e mulheres movidas pela curiosidade ou interesse outros (CARVALHO, 1994, p. 138)

No mesmo evento se encontrava, além de Carolina e Alexandre à procura da filha, Dona Amélia, que já se encontrava viúva, aos cuidados da escravizada Jacinta. Sem reconhecer a neta entre as expostas, a mãe de Carolina sente-se mal, aproximando a todos em seu socorro. Jacinta, a única que teve contato com Isabel no momento de seu nascimento até a sua entrega à roda, descobre a marca de nascença de Isabel, revelando sua identidade à família e desvendando, dessa forma, o final da história da exposta.

4. Inventários da memória: entre a história e a ficção da cidade

Waldir Carvalho, ao contrário de Machado de Assis que conviveu com a realidade escravagista e o sistema operante da roda dos expostos do século XIX na cidade do Rio de Janeiro, se abastece de fontes históricas para dar sustento e enredo historiográfico ao seu romance.

Em “Pai contra mãe”, Machado, além de denunciar o sistema da escravidão brasileira, cita a roda dos enjeitados como marca coletiva da memória do Brasil imperialista:

O pai recebeu o filho com a mesma fúria com que pegara a escrava fujona de há pouco, fúria diversa, naturalmente, fúria de amor. Agradeceu depressa e mal, e saiu às carreiras, não para a Roda dos enjeitados, mas para a casa de empréstimo com o filho e os cem mil-réis de gratificação. (ASSIS, 2014, p. 94)

A configuração regionalista de Machado e de Waldir Carvalho, em suas respectivas narrativas, revelam dados da memória coletiva do Brasil oitocentista como as marcas da escravidão, a fisionomia da cidade e das ruas, o comportamento dos sujeitos à época, a hierarquização financeira e as relações do poder, entre outros fatores.

Diferentemente do discurso histórico dos livros didáticos, os registros ficcionais, além de efetivarem a preservação da memória cultural das sociedades, desenvolvem questões cotidianas das relações humanas como, em ambos os textos citados, o conflito de pais que mantinham o desejo comum de exercerem suas paternidades e maternidades no século

XIX. Figuras, tais, periféricas da sociedade brasileira, silenciadas pelas narrativas oficiais.

Maurice Halbwachs (2003), ao estabelecer o conceito de “memória tomada por empréstimo”, configura o processo memorialístico e de viés coletivo da perspectiva romancista de Waldir Carvalho que, mesmo não registrando os fatos históricos que compõem o seu romance em contexto atual, resgata discursos e dados historiográficos na elaboração do texto.

Durante o curso de minha vida, o grupo nacional de que faço parte foi teatro de certo número de acontecimentos a respeito dos quais digo que me lembro, mas que só conheci através de jornais ou pelo testemunho dos que neles estiveram envolvidos diretamente. Esses fatos ocupam um lugar na memória da nação – mas eu mesmo não os assisti. (HALBWACHS, 2003, p. 72)

Fontes historiográficas como os jornais, testemunhos e documentos que sustentaram o processo investigador do memorialista em relação ao passado da cidade, sendo possível, dessa forma, relacionar descrições ficcionais com documentos considerados oficiais pela perspectiva histórica, em questão, os já extintos jornais da cidade Monitor Campista, O Recopilador Campista e os escritos de Alberto Lamego.

Uma informação oficializada acerca da festividade de Santa Isabel, como destacada no romance em relação à participação dos expostos à época imperialista brasileira, foi publicada no jornal Monitor Campista, datado de 2 de julho de 1884:

No dia 1.º celebrou-se a festa da Senhora Mãe dos Homens, havendo missa cantada pelas 11 horas da manhã, tendo orado no Evangelho com a costumada eloquência o Rvd. Vigário do Morro do Côco, Francisco Cardoso de Mello, e ladainha á noite;

No dia 2 solemnizou-se, como noticiámos, a festa de Santa Izabel, celebrando-se missa cantada ás 11 horas da manhã e TE DEUM ás 7 horas da noite, tendo-se lido nessa ocasião a eleição, que abaixo publicamos, dos empregados que devem servir no annocompromissal de 1881 a 1882.

Alem das asyladas da Lapa, que em numero de 30 assistirão ás festividades, forão apresentados ao hospital pelas respectivas amas 28 expostos de ambos os sexos, cujo numero é de 39. (Monitor Campista, de 2 de julho de 1884)

Em relação à fusão de informações históricas e a tecitura do texto literário que compõem o romance histórico, com base em situações cotidianas, ao contrário das epopeias que narravam feitos heroicos, descreve Weinhardt (1994) que,

Ao romance histórico não interessa repetir o relato dos grandes acontecimentos, mas ressuscitar poeticamente os seres humanos que viveram essa experiência. Ele deve fazer com que o leitor apreenda as razões sociais e humanas que fizeram com que os homens daquele tempo e daquele espaço pensassem, sentissem e agissem da forma como o fizeram. Trata-se de uma norma da figuração literária, aparentemente paradoxal, que se alcança esta apreensão focalizando os detalhes do cotidiano que parecem insignificantes. Os grandes dramas e as figuras históricas centrais são próprios para a epopéia. O mundo do romance é o da esfera popular. (WEINHARDT, 1994, p. 51)

Assim sendo, a produção sociocultural de Waldir, além de apresentar informações ligadas à memória cultural passada da cidade, percorre com proximidade as experiências humanas dos personagens e de suas inquietações, afetados pelas imposições sociais que marcaram a trajetória histórica das instituições e das cidades.

Em “O discurso da história”, publicado por Roland Barthes (2004) em *O rumor da língua*, é defendida a ideia de estar o discurso histórico no mesmo plano do discurso literário, visto que ambas as instâncias são representações dos sujeitos e de suas relações com a sociedade geradas a partir da linguagem.

Historiador e romancista, em suas respectivas áreas de desenvolvimento da memória coletiva dos *locus* e das instituições sociais, narram e descrevem o passado a partir de vestígios, porém afastados da concepção de real, por isso verossímil, pelo atravessamento linguístico: “o fato nunca tem mais do que uma existência linguística (como termo de um discurso)” (BARTHES, 2004, p. 177).

Assim, completa o autor em relação à sua análise:

[...] o discurso histórico não acompanha o real, não faz mais do que significá-lo, repetindo continuamente *aconteceu*, sem que essa asserção possa ser jamais outra que não o reverso significado de toda a narração histórica.

O prestígio do *aconteceu* tem uma importância e uma amplitude verdadeiramente históricas. Há um gosto de toda a nossa civilização pelo efeito de real, atestado pelo desenvolvimento de gêneros específicos como o romance realista, o diário íntimo, a literatura de documento, o *fait divers*, o museu histórico, a exposição de objetos antigos, e principalmente o desenvolvimento maciço da fotografia, cujo único traço pertinente (comparada ao desenho) é precisamente significar que o evento representado *realmente* se deu. (BARTHES, 2004, p. 178-9)

Dessa forma, a linguagem, viabilizada pela ação literária do romance histórico, deve ser analisada pelo historiador e pela sociedade,

assim como os documentos definidos como originais (jornais, livros didáticos, testamentos), pois apresenta-se como um mecanismo de preservação memorialística e histórica de uma comunidade/nação.

5. Considerações finais

Apesar de ser o texto ficcional descompromissado com a veracidade dos fatos, ao contrário do esperado pelos livros didáticos, em especial os da disciplina de História e dos arquivos jornalísticos, a literatura opera na sociedade como uma ferramenta discursiva que, por meio da linguagem, configura uma adaptativa versão social – verossímil- da evolução histórica.

Assim como o discurso histórico, a literatura, em especial a partir do romance sustentado em algum episódio histórico, pode ser compreendida como um mecanismo linguístico de recriação do passado e suporte da memória coletiva dos sujeitos, das nações e das instituições culturais, cujo objetivo é o de compreender a sociedade, interpretá-la e fornecer sentido ao leitor.

Waldir Carvalho exerce, por meio do romance, a função social de apresentar um passado ao leitor que, em muitos casos, é desconhecido, amparado nos vestígios da história da cidade de Campos dos Goytacazes e de todo o sistema operante do século XIX em relação ao abandono de crianças na região depositadas nas rodas dos expostos.

O romance, configurado às cartografias campistas, carregado de descrições da paisagem da cidade e de seu povo, ultrapassa as fronteiras locais e documenta um processo historiográfico do abandono de crianças brasileiras por intermédio das rodas dos expostos que, assim como a escravidão, foi abolido por último no Brasil, na década de 1950.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Contos*. Porto Alegre: L&PM, 2014.

BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CARVALHO, Waldir Pinto de. *A roda dos expostos*. Niterói: Clube de Literatura Cromos, 1994.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

LAMEGO Alberto. *História da Santa Casa de Campos*. Rio de Janeiro, 1951.

MARCILIO, Maria Luiza. A roda dos expostos e a criança abandonada na História do Brasil. 1726–1950. In: FREITAS, M.C. (Org.). *História Social da Infância no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2009.

WEINHARDT, Marilene. *Considerações sobre o romance histórico*. Letras, Curitiba, n. 43, p. 49-59, UFPR, 1994.

Outras fontes:

CAMPOS. Monitor Campista, Campos dos Goytacazes, 02 de julho de 1884. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030740&pagfis=10279>. Acesso em: 28 out. 2021.

CAMPOS. O Recopilador Campista, Campos dos Goytacazes, 19 de agosto de 1837. Nº 257. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030740&pagfis=1493>. Acesso em 28 out. 2021.